

Entre Vistas e Olhares

Maria Eugênia, a “mãinha” de Chicão, fala aos cadernos de Gênero e Tecnologia¹

“Minha mãe, minha mãe, minha mãe, Maria” (Mãe, Chicão)

Luciene Celina Cristina Mochi

E-mail: lucienemochi@gmail.com
Universidade Federal de Juiz de Fora,
Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

**Hilda Aparecida Linhares da Silva
Micarello**

E-mail: hilda.micarello@uab.ufjf.br
Universidade Federal de Juiz de Fora,
Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

João Paulo Baliscei

E-mail: jpbaliscei@uem.br
Universidade Estadual de Maringá,
Maringá, Paraná, Brasil.

“Maria”, o nome que aparece no trecho da música *Mãe*², a qual destacamos na epígrafe desta entrevista, se refere, de maneira carinhosa, a Maria Eugênia Vieira Martins (1961--), a “mãinha” de Chicão (1993--)³ e mulher da cantora Cássia Eller (1962—2001). Além do parentesco com o cantor e com a cantora, Eugênia se tornou figura significativa na sociedade brasileira pois representou publicamente o primeiro caso afirmativo do direito e da existência da maternidade lésbica no país, concedido à esposa da mãe biológica da criança. Por conta disso, é possível afirmar que, Cássia Eller e Maria Eugênia colocaram em debate no Brasil, a maternidade lésbica. No entanto, ao contrário do que divulgaram diversos jornais e revistas na época, a visibilidade sobre a lesbianidade e a existência das maternidades lésbicas não passou a ser pautada com a morte de Cássia, no final do ano de 2001, mas antes, mais precisamente oito anos antes de sua morte.

Com a notícia da gravidez da cantora, suas/seus fãs ficaram confusas/os. Como uma artista que causava fissuras no padrão heteronormativo (com suas posturas nos palcos, mostrando os seios, assobiando, usando roupas lidas pela sociedade como “masculinas”, piercings, bonés com a aba para trás, sem maquiagem, etc.) poderia ter engravidado? Ela deixou de ser “sapatão”? Com o nascimento de Chicão, filho de Cássia Eller e Eugênia, em 1993, a maternidade compartilhada por duas mulheres se tornou pública não apenas pela notoriedade que a cantora recebia no cenário artístico nacional, mas principalmente, pela visibilidade com que Cássia Eller lidou com sua (homos)sexualidade. Seja em suas performances no palco, desenvolvendo seu trabalho, ou nas entrevistas que concedia, Cássia Eller assumia publicamente a lesbianidade e sua relação conjugal com Eugênia. Isso foi no final dos anos 1990, em uma época em que a internet dava seus primeiros passos no Brasil, e que as mídias televisiva e impressa eram os principais meios de comunicação em que as lésbicas e mulheres bissexuais conseguiam se ver representadas.

Eugênia conta, em entrevista que integra uma pesquisa de doutoramento em Educação acerca das maternidades lésbicas e bissexuais em interface com a educação escolar (MOCHI, 2021)⁴, que a escola onde Francisco estudou foi determinante para o processo de reconhecimento da sua maternidade compartilhada com Cássia, razão pela qual ela aceitou prontamente o convite para **participar** da pesquisa.

A entrevista: “eu quero cantar, silêncio”

Luciene Mochi: Então você já cursou medicina?

Eugênia: Já. Isso é divertido. Foi o primeiro curso que eu fiz, com 17 anos. Aquele vestibular, aquela coisa bem idealista, vou ser médica, vou salvar vidas. Aquela coisa bem mesmo da juventude. E aí fiz e passei, surpreendentemente. Nem estava esperando passar. Sempre fui muito CDF [sic] sabe. Eu sempre fui uma pessoa, uma menina muito estudiosa. Eu sempre gostei muito de ler. Isso também me ajudou muito. E sempre fui daquelas que sentavam na primeira carteira, prestava atenção na aula [risos]. Aí o que acontece, eu comecei a fazer esse curso, eu morava com uma tia, né. Eu fui criada por uma tia, desde os três anos, irmã da minha mãe, por “n” motivos. E aí, mas ela era uma mulher muito rígida né, muito autoritária. Então quando eu fiz 18 anos, que eu tive possibilidade de sair, eu saí. E aí ficou meio difícil para mim conciliar trabalho, porque eu tive que trabalhar né, com o curso de medicina que era um curso que me exigia horário integral, eu acabei desistindo. Mas aprendi muito, o que foi muito legal porque me deu uma base para o que eu faço hoje. Me ajudou muito quando eu resolvi fazer a nutrição. Eu já tinha uma base da área de saúde, todas aquelas disciplinas básicas da área da saúde, eu já tinha feito. Teve Letras [Licenciatura em Letras] no meio do caminho. Porque aí certo, eu saí de casa e comecei a trabalhar e como eu não conseguia fazer medicina, eu falei assim, bom então eu tenho que fazer um curso que me dê possibilidade de trabalhar meio expediente e estudar meio expediente. O que eu quero fazer? Letras [risos]. Eu gostava muito de ler, aí eu mudei radicalmente. E comecei a fazer Letras e fiz três anos e eu parei quando a Cássia veio para o Rio e a gente começou a se relacionar, eu parei o curso. Fazia Letras e trabalhava no Tribunal. Mas aí teve Letras no meio do caminho e é o que eu estou te falando, essas coisas, elas vão se costurando né, porque hoje eu utilizo muito também tudo o que eu aprendi no meu curso de Letras, porque eu preciso escrever. Eu sou parecerista, eu leio um processo e no final eu tenho que dar um parecer. É um parecer técnico, não tem nada de firulas, mas você tem que ter uma boa redação, um Português claro. Então, todas as coisas que fiz e não terminei acabaram me ajudando muito. Por isso eu conversei muito sobre isso com o Francisco, assim, eu não tenho essa coisa do diploma, que eu vejo muitos pais com essa preocupação do diploma de nível superior. Que hoje em dia no Brasil é difícil você conseguir alguma coisa, a não ser que você seja jogador de futebol, ou artista. Mas o que eu falo para ele é que você não perde nada, mesmo que você não conclua. Você não está perdendo aquele conhecimento. O conhecimento é que é importante. Isso ficou muito claro para mim agora, quando eu retomei a questão profissional. E como tudo que fiz, tanto a medicina, quanto a Letras, apesar de não ter o diploma no final, como foi importante para mim.

Luciene Mochi: E o Francisco também passou em uma Universidade Federal.

Eugênia: Geografia, numa Universidade Federal. Contra todas as expectativas porque ele nunca gostou de estudar [risos], foi uma batalha. Ele ama a escola dele. Ele ama de paixão! Os ex-alunos do CEAT são eternos ex-alunos. Eles estão sempre lá. O CEAT todo ano tem uma festa junina que é muito forte e tal, então todos os meninos lá, ele ama todas as professoras, os funcionários. Ele é amigo de todo mundo! Realmente o CEAT foi uma coisa muito importante na formação do Francisco. Eu agradeço muito ao destino, às forças do bem, ou a Deus, ou sei lá que nome que a gente vai dá para isso, o dia que eu e a Cássia resolvemos colocar ele

nessa escola. Por quê? Aqui nós temos muitas ofertas de boas escolas nesse bairro. Temos o (nome da escola), aqui na frente, que seria escolha óbvia, que é uma excelente escola, apesar de ser uma escola confessional. Inclusive o CEAT é uma dissidência do (nome da escola); são alguns professores que saíram e montaram essa cooperativa de professores. Não tem um dono. Que eu acho muito bacana! E aí eu agradeço muito essa decisão porque o mais fácil para a gente teria sido colocar ele aqui mesmo no (nome da escola) que teria que atravessar a rua para ir para a escola, para a gente seria muito prático. Santa Teresa [bairro do Rio de Janeiro] já complica um pouco. Mas a gente se apaixonou pela escola. A gente foi, aquele castelo, aquela energia, as pessoas que receberam a gente lá. Aí foi uma paixão e a gente falou: “Ah, dane-se, a gente dá um jeito. Arruma uma van, ou eu vou levá-lo, mas vale a pena”.

Luciene Mochi: Com quantos anos ele entrou nessa escola?

Eugênia: Ele entrou com 4 anos e saiu com 18.

Luciene Mochi: Você tem uma religião?

Eugênia: Eu sou de família católica. Olha ali atrás para você ver, São Francisco [imagem de São Francisco de Assis]. O nome do Chico vem muito em função. É, tem vários Chicos que a gente admira por este Brasil afora, mas o Francisco de Assis é uma das inspirações. Então, eu vou dizer para você, eu nunca fui praticante, já fui quando era jovem, participei de grupos de igreja, cantei e essas coisas. Depois meio que abandonei e hoje em dia eu tenho uma coisa assim, eu não acredito, mas também não deixo de acreditar. Eu tenho essa coisa familiar. Eu não acredito não, mas na hora que o bicho aperta para mim, eu corro para lá. É uma coisa meio confusa. Não é muito clara na minha cabeça [risos], mas está ali meu São Francisco.

Luciene Mochi: Como você se identifica, qual sua orientação sexual?

Eugênia: Essa pergunta também é uma pergunta complicada. Ela nunca é muito simples. A gente está sempre tentando colocar as coisas nas caixinhas. Eu tenho, sempre tive, hoje não tenho nada, nem com homem e nem com mulher, porque eu estou na menopausa completamente assexuada, eu diria [risos]. Mas eu sempre tive excelente parceria sexual com homens. Nunca tive problemas sexuais com homens. Eu sempre senti atração por homens e tive uma vida sexual bastante bacana. Mas assim, as relações emocionais são com as mulheres, entendeu? Assim, a entrega, a paixão mesmo, essa vontade de dividir e de compartilhar uma vida e tal e uma família, aí eu só consegui com mulheres. Eu tenho algum problema aí de confiança ou alguma coisa [risos], caso para terapia...[risos].

Luciene Mochi: Retomei a “caixinha” sobre a qual Eugênia comentou anteriormente e falei da importância do posicionamento da sexualidade para efetivação de políticas públicas.

Eugênia: Então, nesse ponto de vista eu prefiro me identificar como lésbica, prefiro me identificar assim. Politicamente eu prefiro me identificar como lésbica. Eu não quero relativizar e não tenho a menor intenção de fazer isso, certo? Politicamente eu me declararia lésbica. Agora, pessoalmente, conversando com você, eu não sei dar um nomezinho, porque existem tantas sutilezas aí nesse processo.

Luciene Mochi: Eugênia, uma questão que sempre me impressionou nas suas entrevistas é sua fala a respeito da lesbianidade. Como aparece na entrevista que você deu sobre o filme “Cássia”⁵.

Eugênia: Teve uma coisa que eu não sei se eu me arrependo, eu não sei direito, mas é uma coisa que me traz um questionamento hoje assim, a posteriori. Na época que a Cássia morreu eu fui demandada né, por vários grupos de militantes, para fazer, falar, para me manifestar, e naquele momento, até por uma questão de estratégia, porque eu estava passando por um processo judicial de guarda do Francisco, eu meio que tentei apagar esse lado homossexual e elevar o lado da maternidade, entendeu? Então naquele momento eu recusei alguns convites, eu fui um pouco restritiva com essas pessoas. E isso não é legal. Hoje eu fico me perguntando se eu não poderia ter sido um pouco mais ousada, um pouco mais corajosa. Mas é que naquele momento para mim, a questão da guarda do Francisco era a questão maior. Eu não ia fazer nada que pudesse prejudicar aquilo naquele momento. Eu me lembro de escolher um pouco as entrevistas. Eu fui na Hebe [Camargo, apresentadora], porque ela era uma querida. Onde dava para eu ir e falar dessa questão da maternidade eu ia. Mas quando eu percebia que era uma coisa que ia me levar mais para o lado da militância, eu preferia evitar. Hoje eu fico pensando se eu não fui um pouco covarde.

Luciene Mochi: Com relação a guarda do Francisco, você diz que não foi uma jurisprudência. Você e o avô do Francisco entraram num acordo. Como foi isso?

Eugênia: Isso, por exemplo, a escola do Francisco foi tão fantástica nesse momento da minha vida. Porque eu pedi a guarda do Francisco, entrei com o pedido de guarda e o avô dele também. Ela [Cássia] morreu em dezembro de 2001. Em 2002 a gente entrou com o pedido logo no começo do ano. Eu entrei logo com o pedido de guarda provisória, ganhei⁶ e aí depois uma sequência é... um desdobramento normal. E o [Altair] Eller entrou também, o avô dele [de Francisco] entrou também com o pedido de guarda. Pois bem, o quê que a justiça faz nesses casos? Antes do juiz dar uma decisão ele faz uma audiência de conciliação com as partes. Nessa audiência de conciliação vai estar o juiz, o representante do Ministério Público, as duas partes com seus representantes legais e a criança. Então, nós entramos todos na sala conversamos com o juiz, depois saímos todos e ele ficou só com o Francisco, o advogado, a representante do Ministério Público que conversou longamente com o Francisco. Ele tinha nove anos. Foi até aflitivo demais, porque aquela conversa não acabava: 30, 40 minutos e aquele menino lá dentro. Eu comecei a suar frio. Depois ele chama todo mundo de novo e tenta fazer uma conciliação. É sempre assim, não foi só no meu caso. A justiça sempre tenta uma audiência de conciliação antes do juiz ter que tomar uma decisão entre uma, ou outra parte. Quando a gente voltou o juiz se mostrou na fala dele, muito tentado a me dar a guarda, pela fala dele a gente já entendeu, depois dessa conversa com o Francisco. O advogado do Eller, ao perceber isso, abriu mão. Quando o advogado do Eller percebeu que era causa perdida, por toda aquela conjuntura que estava ali, ele desistiu. Então não houve nenhum segmento. Por que o que estava acontecendo? A diretora do CEAT estava ali como minha testemunha, a psicóloga que nos atendeu, que era uma excelente pessoa, excelente mediadora, também estava lá. Essa psicóloga já nos atendia quando a Cássia ainda era viva. Todas estavam lá para dar o testemunho de que eu era muito presente na vida do Francisco, que eu participava. As testemunhas não foram arroladas. Não teve a necessidade do segmento ali dos

procedimentos, porque uma das partes retirou o pedido. Então quando aconteceu isso, o que sobrou ali foi uma negociação de visitas, quais seriam os direitos do avô então já que a guarda seria minha. Quais seriam os direitos, como é que iríamos fazer, o avô morava em Fortaleza, o Francisco aqui, então, como se daria? Tudo isso ficou muito “acertadinho”, ele viria aqui na primeira vez e eu levaria o Francisco alternadamente na casa dele. E no final das contas, como ele não veio nessa primeira visita, eu também fiquei desobrigada de cumprir as outras. Uma das coisas que eu fiz questão é que ele viesse a primeira vez. E aí foi tudo caminhando. Eu sinceramente penso que eu estava muito bem guardada naquela época, assim as energias muito... eu agradeço muito até hoje. Eu hoje tenho dúvidas de que se essa situação se passasse hoje, se o desfecho teria sido o mesmo. A gente está vivendo um período de retrocesso, careta, tem uns monstros aí.

Luciene Mochi: Você possuía documento legal que lhe garantia os direitos em relação ao Francisco?

Eugênia: O que eu recebi logo de cara que era um documento oficial, foi a guarda provisória. Imediatamente à morte da Cássia, ainda em Brasília, eu estava lá. Lá mesmo eu já entrei no dia seguinte com o pedido de guarda provisória. E ela foi concedida. Mas eu tive problemas, porque isso foi concedido, mas demorou o que, talvez um mês. Os trâmites na justiça nunca são rápidos. Esse mês eu fiquei descoberta. Então eu fiz uma viagem com o Francisco. O Eller estava meio que naquela guerra comigo, aí teve um negócio de Polícia Federal. Os primeiros dias foram quentes. Eu tive um problema sim, mas que foi logo contornado, porque eu ganhei essa guarda provisória. Então eu andava com esse papel na mão, com um documento meu, o papel da guarda, certidão de nascimento do Francisco e isso me garantia até a decisão da guarda definitiva, que saiu em outubro. Então de janeiro de 2002 até outubro de 2002 eu tinha esse documento que me assegurava a guarda provisória.

Luciene Mochi: Você teve medo de perder o Francisco?

Eugênia: Ah... vou te falar, o maior sentimento com a morte da Cássia imediato foi medo. Medo, um frio na barriga, um medo da vida [emoção da entrevistada e também da pesquisadora]. Já estava difícil para mim entender aquilo ali e ainda ter que conviver com o buraco do Francisco, porque eu também tinha que dar conta... foi tudo muito confuso. E toda essa história de guarda, as entrevistas. Foi um período muito tumultuado. Mas eu tive muito apoio da minha família e principalmente o que foi importantíssimo para o Francisco, foi o apoio dos amigos da escola. O quê que aconteceu? Nós nos conhecemos [referindo-se aos vínculos que se estabelecem entre mães e pais das crianças na escola]. Quando a criança tem essa idade, aquilo que você falou, a participação das mães nos processos é muito grande. E a gente acaba fazendo uma rede de amizades de mães, porque você manda hoje o Joãozinho para cá, amanhã eu mando o Francisco para você. É até uma maneira de você ter um descanso. A gente se ajuda muito quando as crianças estão nessa idade. Então o que que aconteceu? Teve uma amiga que eu fiz, uma pessoa queridíssima, que é madrinha dele inclusive, que foi para Brasília. Largou os filhos dela aqui no Rio de Janeiro com o marido e foi para Brasília. Me pegou lá, me trouxe para o Rio, porque eu tinha que pegar aqui o documento de guarda provisória com o Juiz. Daqui ela me levou para casa de praia dela em Iriri, no Espírito Santo, que nós frequentávamos. O Francisco adorava ir para lá. Porque

é uma praia pequenininha, boa para as crianças e eles ficavam muito livres. Fomos para casa dela. Imediatamente vários pais levaram os seus filhos para esta casa. Isso é a escola do Francisco, entendeu? Nossa, meus olhos até enchem de lágrimas quando penso nisso [Eugênia se emociona]. Então, assim, têm pessoas, mães naquela escola, que eu não tenho nem palavras para agradecer. Porque, assim, me protegeram, protegeram ele demais. Quando eu vi estava lá em Iriri aquele mar de crianças, eram umas doze crianças! As crianças tinham oito, nove anos, estavam todas ainda muito dependentes dos pais. Então não foram sozinhas, os pais ajudaram.

Luciene Mochi: Quero perguntar sobre o apoio da escola durante o processo da guarda do Francisco. A escola ajudou durante o processo?

Eugênia: Olha só, eu me lembro exatamente de um dos pais [referindo-se ao dia da audiência para guarda definitiva], pai de uma menina que era muito amiguinha deles, e aí é engraçado que nessa época eles ficam muito menino/menino e menina/menina. Mas ele tinha essa menina que era superamiga. E que o pai também era uma graça, adorava o Chicão. Ele foi para lá [fórum] com a filha dele. Levou brinquedos, ele ficou jogando brinquedos com o Francisco. Nem me lembro o quê, mas era coisa de cartas, baralho. Ele, a filha dele, ficaram lá distraindo o Chicão daquela situação tensa. Eles [familiares de alunas/os e equipe de profissionais da escola] ajudaram em todos os sentidos, formalmente. Todas as declarações e tudo o que eu precisei de documentação, de apoio nesta situação. “Pode ser minha testemunha?” “Claro!”. Os pais ajudaram neste sentido. Foram no fórum, levaram coisinhas para os seus filhos brincarem com o Chicão. Vou te falar, não tem preço a maneira como ele foi recebido na escola depois. Porque na verdade todas aquelas crianças ficaram um pouco órfãs. A Cássia tinha aquela coisa, ela era uma graça de pessoa. Ela ia na escola, sabe aquelas [situações] dos pais irem na escola falar das suas profissões? A Cássia ia lá, cantava para todo mundo. As crianças eram apaixonadas por ela! A Cássia chegava na escola e era uma festa! Então, na verdade, todo mundo ficou meio órfão ali, sabe? Foi muita mobilização, foi uma coisa muito linda! Muito, muito, muito, a gente foi muito cercado de muito carinho!

Luciene Mochi: Antes do CEAT, houve um episódio na educação infantil com o Francisco?

Eugênia: Antes de vir para cá, nós morávamos em Ipanema. Francisco começou a vida escolar dele numa creche dessas bem pequenininhas, que é aquela coisinha, quase um bebê ainda. Ele ficou um ano nessa creche. Aí tinha essa escolinha lá perto de casa, que era uma escola que era pouco a nossa cara. Porque era uma escola muito preocupada com a questão da performance. Que eu acho isso uma loucura, porque eles são muito pequenininhos. Mas era uma escola que tinha uma fama muito boa. Aí eu resolvi matricular. Por que não? Vamos tentar! Aí botamos o Francisco na escola, mas era uma escola bem burguesa mesmo. Eu me lembro de reuniões que eu só via mocassim, que é meio uniforme da classe média carioca Ipanema! Não tinha nenhuma identificação, não fez amigos ali, mas eu gostava muito das professoras, não tinha problema nenhum. Acontece que o Francisco tinha dois grandes amigos e nós saíamos todos os dias e íamos para a pracinha Nossa Senhora da Paz, era tipo um... eles complementavam o dia ali na praça, corriam e se acabavam ali. Depois cada um ia para sua casa. Um desses pais, de um desses meninos, cuja mãe eu encontrava na pracinha todos os dias, tinha uma

relação ali, mas eu jamais imaginei uma coisa dessas. Reclamou que o menino deles chegou em casa dizendo que o Francisco tinha dado um beijo nele. Isso tinha preocupado o pai, obviamente porque o Francisco é filho de uma sapatão. Então provavelmente está querendo levar o filho dele para o caminho da viadice. Ele ficou muito preocupado com isso. E aí fez uma reclamação na escola e a reação da escola foi magnífica, eu jamais esperava isso. Porque eles convocaram todas as mães para uma reunião, a coordenadora passou um esporro na mulher. A mãe até tirou o filho da escola, os dois filhos porque ela tinha dois filhos na escola e tirou depois disso. Porque falaram que aquilo não fazia sentido, que as crianças eram pequenas, que aquela loucura estava na cabeça dos pais. Eles realmente deram um corte assim, fulminante! Depois eu fiquei sabendo que essa escola foi criada por uma americana que morou numa época no Brasil e ela era sapatão. É uma visão errada de que a família vai influenciar a sexualidade de alguém. Se fosse assim, uma família heterossexual nunca teria um filho homossexual. O modelo é uma discussão burra! Carece de lógica.

Luciene Mochi: Eugênia, como você se tornou mãe?

Eugênia: No momento em que a Cássia disse para mim que estava grávida, eu me tornei mãe! Eu me apaixonei por aquela ideia, naquele momento eu me tornei mãe. A Cássia tinha essa coisa de ser mãe, eu não tinha muito não. Sabe essa ansiedade da mulher, da maternidade? Eu não tinha muito. Ela sempre dizia “eu quero ser mãe, quero ser mãe!”. E tanto quis que foi! E foi engraçado porque, essa história é boa [risos]. Final de ano, cada uma foi para casa de suas respectivas mães, para o Natal. E ela foi direto de uma turnê para a casa da mãe dela, em Belo Horizonte, e eu saí daqui do Rio e fui para casa da minha mãe, no interior de Minas [Minas Gerais]. E a Cássia sempre foi a rainha do bom humor, aquela pessoa que tudo está bem comigo, independente do que está acontecendo, ela estava sempre bem. Nunca vi a Cássia reclamar de nada, estava tudo certo sempre. De repente, a Cássia começa me ligar num mau humor, mas muito mal-humorada. Tudo era uma confusão e ela falava assim comigo no telefone e eu falava: “Gente, quem é essa pessoa? Quem é essa mulher que eu não estou reconhecendo essa mulher?” [risos]. Eu falei: “Cássia, você está muito engraçada, você está muito diferente!”. Aí quando chegou no Rio, que a gente se encontrou, eu sentei com ela e falei assim: “Não, você me conta essa história que está acontecendo porque você não é mesma pessoa. O que houve? O que aconteceu?”. Aí ela me contou. Estava atrasada a menstruação e aí ela me falou: “Olha, eu tive relação com o Tavinho e a minha menstruação atrasou, eu acho que estou grávida!”. Eu falei: “Então vamos fazer um teste imediatamente, vamos confirmar”. Aí fomos na farmácia, compramos o teste de gravidez e ela estava gravidíssima! [risos]. E eu amei! Assim, é uma coisa que eu não sei explicar. Não tem explicação racional. Eu simplesmente fiquei muito feliz, muito feliz com a gravidez dela.

Luciene Mochi: Eugênia, existe diferença entre ser mãe na certidão de nascimento, ou não?

Eugênia: Não. Eu sempre me movimentei com a certidão dele. O que a moça no cartório nos falou quando a gente foi registrar o Francisco, que eu fui com a Cássia no cartório, ela disse o seguinte pra mim: “Vocês têm o direito de colocar o nome do pai”, porque antes não podia. Antes só o pai podia colocar o nome na certidão de nascimento. Se a mãe fosse registrar o filho, ela não podia colocar o nome do

pai, só se o pai declarasse. Então, na época, essa legislação tinha mudado e a mãe podia declarar o nome do pai na certidão de nascimento e o pai que conteste depois se ele não concordar com aquela paternidade⁷. E ela perguntou e insistiu: “você não querem colocar o nome do pai?”. E a gente disse que não. Porque era uma situação delicada. Porque o Tavinho tinha uma outra família. Tinha acabado de ter uma neném, era tudo muito coberto ainda. A mídia tinha uma história diferente que a Cássia tinha contado, um percussionista baiano. E porque também a gente não tinha nenhuma pretensão. Porque também essa coisa de nome na certidão, essa coisa da burocracia do cartório, isso aí acaba definindo direitos de herança. É uma coisa muito complicada, tudo isso. E a gente estava longe de querer implicar a família do Tavinho em qualquer coisa desse tipo. A gente deixou muito claro que a gente do não queria nada. Mas confesso para você que isso é um incômodo na vida de qualquer cidadão, de qualquer pessoa. Essa coisa de uma certidão de nascimento com um “x” no nome do pai. E que eu acho que é bastante comum no Brasil. Agora o fofo Francisco disse para mim numa determinada ocasião, tem talvez uns seis meses, que queria botar o meu sobrenome no nome dele [risos]. Aí eu disse para ele que achava a coisa mais linda do mundo e que eu amava ele por isso. Mas expliquei para ele que era uma coisa complicada. Não é uma coisa facinha, a gente vai lá no juiz e põe o meu sobrenome no seu nome. Tem uma burocracia. Mas vamos lá. É um fofo, que coisa linda!

Luciene Mochi: No Brasil, você e a Cássia foram pioneiras na visibilidade sobre maternidade lésbica, o que abriu importante espaço para a discussão a respeito. Você pensa nisso?

Eugênia: Mas isso foi uma coisa que eu disse muito em entrevistas depois da morte dela. Ela, mesmo depois de morta, ela continuou fazendo muita coisa. Essa questão do Francisco, por exemplo né, ela me deixou o Francisco. Ela fez tudo tão direitinho quando eu penso agora. Porque eu me lembro que uma das provas que a gente levou também para o processo que não foi necessário por aquela questão da conciliação que eu te falei, foi uma fita de uma entrevista que ela deu para a [revista] *Marie Claire*⁸ em que ela dizia textualmente que tinha muita preocupação com o Francisco, porque se alguma coisa acontecesse com ela, ela queria que ele ficasse comigo, mas ela tinha dúvida se a justiça brasileira ia permitir. Então, isso aí foi uma coisa que me ajudou muito, porque foi uma fita gravada, a Marie Claire cedeu essa fita para a gente, para o meu advogado, porque era a voz da Cássia falando aquilo, é muito mais forte do que a palavra escrita. Me ajudou muito também nessa época, a aparência física não estereotipada. Porque as pessoas têm uma visão da homossexualidade também muito em cima de estereótipos. E aí uma coisa [a performatividade feminina] que quebra põe uma dúvida na cabeça das pessoas. Faz as pessoas se questionarem. E olha só, eu não estou fazendo a defesa desse tipo de aparência ou comportamento não! Eu só estou dizendo que isso de uma certa forma me ajudou nesta época. Ajuda um pouco a desfazer essa coisa. Uma coisa que eu achei muito importante naquela época é ajudar a desfazer essa coisa da homossexualidade como um local da sacanagem, do sexo. Que as pessoas precisavam entender que existem famílias, que é uma relação de afeto. Não é uma suruba. Porque essa é a ideia que as pessoas têm, de uma relação muito voltada para a sexualidade e não é necessariamente assim.

Luciene Mochi: Na sua opinião, ser mãe ao mesmo tempo ser lésbica, rompe com o modelo de família padrão?

Eugênia: É isso, porque quando as pessoas pensam em homossexualidade, as pessoas pensam em sexo. As pessoas pensam sempre numa relação predominantemente sexual, e não é isso, sabe, é família. É família! É uma relação de afeto, de pessoas que resolveram dividir a vida, se ajudarem, como qualquer casal.

Luciene Mochi: O que pode significar para a escola, ter uma criança que possui duas mães?

Eugênia: Então, aí eu acho que a escolha da escola é fundamental. Que é aquilo que eu disse para você; primeira reunião de pais, eu e a Cássia. E a gente se sentiu acolhida. Eu não tive o menor constrangimento, em nenhum momento eu senti olhares, eu senti completamente à vontade naquele espaço e me coloquei. Esse acolhimento dos adultos isso é uma coisa que passa para as crianças, essa naturalidade como você trata a questão. Quando eu chegava para levar o Francisco na escola com a Cássia, não tinha “oh” e “ah”, não tinha ninguém apontando o dedo. Então, eu acho que é uma oportunidade para a escola também, de passar essa maneira de tratar as relações homossexuais com a naturalidade que elas merecem. E isso a escola do Francisco fez muito legal. O tempo todo, a mesma naturalidade com que a gente teve em casa com ele, ele sentiu na escola também. Por isso eu acho que ele é um cara tão tranquilo e que se coloca tão bem, porque ele teve essa coisa tranquila tanto no ambiente familiar, quanto no ambiente escolar, que é muito importante. Porque tem aquela coisa do *bullying*: “ah, filho de duas mães”. Não, isso não acontece lá!

Luciene Mochi: O fato de a Cássia ser uma cantora famosa ajudou na visibilidade da maternidade lésbica na escola? Seria diferente se fossem mães não conhecidas?

Eugênia: Essa fala do Francisco, quando ele diz que a visibilidade da mãe ajudou muito, responde a sua pergunta. Eu acho que sim, essa coisa da Cássia ser uma pessoa pública e querida, as pessoas têm uma certa simpatia e o Chico também. O Chico também despertou muito carinho nas pessoas. Primeiro, tem aquela sapatão, que depois virou aquela mãe linda! Com aquele bebê lindo, aquela mulher linda! Depois, ela morre e as pessoas ficaram todas muito mobilizadas com aquela criança também. Então o Francisco, ele tem um carinho que é dedicado a ele. Ele tem uma tendência a achar que todo o carinho que ele recebe é em função da mãe e ele está equivocado. Existe um carinho que é focado nele, porque as pessoas acompanharam essa trajetória o tempo todo de uma certa forma pela mídia. Todo mundo tem muita curiosidade para saber o quê que foi que deu daquela criança. Que perdeu a mãe, que era filho de duas mulheres. O Francisco sempre despertou muito essa curiosidade, mas eu vejo que tem uma coisa carinhosa. Não é uma curiosidade ruim não. Na época da guarda, era lindo isso! Eu ia, por exemplo, fazer a compra no supermercado e aí a tiazinha do caixa, falava: “Não filha, vai dar tudo certo!”. As pessoas me paravam na rua: jovens, velhos, foi muito legal. Eu sentia muito carinho, uma energia muito boa! E eu acho que tudo isso acaba influenciando a justiça também. O que eu te falei, o advogado do Eller quando sentiu que o juiz estava inclinado, porque o juiz deixou claro isso na fala dele, ele voltou atrás. Esse juiz depois deu até uma declaração, falou assim: “Imagina se eu decido contra a Eugênia, eu ia apanhar quando eu chegasse em casa!”. Então você percebe que

essa movimentação, ela acaba influenciando até mesmo na justiça. Uma pessoa que não tem a visibilidade da Cássia, ela não ia ter nenhum desses apoios. Me incomodava um pouco na época que as pessoas começaram a falar de jurisprudência. Eu gostava de deixar isso muito claro, não houve uma decisão judicial a meu favor, que é diferente. A justiça brasileira se posicionou a favor da Maria Eugênia, não foi bem isso. Porque jurisprudência é isso. É quando tem uma decisão e outros juízes vão seguir porque houve um caso semelhante. Mas obviamente que é isso que você falou, é toda a coisa da visibilidade da maternidade lésbica que era uma coisa que o Brasil não tinha ainda.

Luciene Mochi: Você tem uma música que representa sua maternidade, sua família, vocês três?

Eugênia: Olha, vou te dizer que tem uma música muito especial para mim, mas eu não teria nem como te mostrar porque foi assim que aconteceu... O Francisco tem um tempo que está dizendo para mim que quer sair já tem um tempo [morar sozinho]. Ele está conversando isso comigo, que está procurando e tal. Mas, de repente, num domingo ele virou para mim e falou assim: “mãe, eu vou hoje!”. Eu tomei aquele susto né, rapidamente me refiz e falei “então tá”, “então eu vou fazer um almoço e tal, pra gente se despedir hoje”. E aí eu fui para a cozinha e ele ficou aqui com o violãozinho dele no sofá tocando e, de repente, ele começou a cantar uma música e eu dando uma de durona né: “Está tudo certo, estou muito bem por você estar indo, estamos lindos, que ótimo que você vai, é isso mesmo, você tem que ir, sua independência, sua autonomia”. Aí estou ali na cozinha, ele começou a cantar, mas era uma música assim, ele fez para mim, para a ocasião. E era coisa: “Minha mãe Maria, mesmo que eu tenha que ir, mesmo que eu tenha que machucar, eu tenho que partir...”. Olha, eu só sei que eu fui segurando a onda ali na cozinha [risos] e de repente eu comecei a chorar... [risos].... Então tem essa música, que eu ganhei de presente do meu filho que é linda, mas ele nunca gravou, então eu não tenho como te mostrar.

NOTAS

¹ Entrevista concedida presencialmente no dia 17 de agosto de 2018, na residência de Eugênia, no Rio de Janeiro.

² A música completa e seu clipe podem ser localizados em <https://www.youtube.com/watch?v=AziTu9lXe-o>. Acesso em 09 de mar. de 2021.

³ Francisco Ribeiro Eller que doravante denominaremos de Chicão, atualmente adotou como nome artístico “Chico Chico”.

⁴ Pesquisa de Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora com previsão de defesa para abril de 2021. Aproveitamos para explicar que recorreremos ao uso de pronomes e adjetivos no singular já que apenas uma de nós, autoras, participou da entrevista concedida por Eugênia.

⁵ Aqui, nos referimos à entrevista de Eugênia e Paulo Henrique Fontenelle, diretor do filme *Cássia* (2015). A entrevista foi feita pela Trip TV e publicada na página do YouTube em 11 de março de 2015. Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=kt2AN-UnqJA>>. Acesso em: 09 de mar. de 2021.

⁶ Na época, a professora da Faculdade de Direito da PUC-SP, Silvia Pimentel (2002) publicou na Folha de São Paulo uma importante matéria, cujo título interrogava se, em havendo morte de um/uma cônjuge homossexual, seria certo dar a guarda do filho/a para o/a outro/ companheiro/a.

⁷ Eugênia se refere à Lei 8560/92, de 29 de dezembro de 1992, que regulamentou o anúncio da paternidade proferida pela mãe no registro de nascimento da criança.

⁸ Entrevista: “Cássia Eller, a radical doce. Só para provocar”. Marie Clair, Edição 127 de outubro de 2001. Disponível em <<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,ESC119-1730,00.html>>. Acesso em 09 de mar. de 2021.

REFERÊNCIAS

ELLER, Cássia. Entrevista: “Cássia Eller, a radical doce. Só para provocar”. **Marie Clair**, Edição 127 de outubro de 2001. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML372675-1740,00.html>>. Acesso: 23 dez. 2018.

MÃE. Intérprete: Chico Chico. Compositor: Chico Chico. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AziTu9IXe-o&ab_channel=M%C3%BAasicanaVaranda. Acesso em: 22 fev. 2021.

MOCHI, Luciene Celina Cristina. **Maternidades Lésbicas e Educação: “rabiscar”** como produção de sentidos. 2021. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

PIMENTEL, Silvia. **Morrendo um cônjuge homossexual, é certo dar a guarda do filho dele ao outro cônjuge? SIM**. Uma questão de justiça. Folha de São Paulo, São Paulo, 12 jan. 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1201200209.htm>>. Acesso: 23 dez. 2018.

Recebido: 18 fev. 2021.

Aprovado: 10 mar. 2021.

DOI: 10.3895/cgt.v14n44.13731

Como citar:

MOCHI, Luciene Celina Cristina; MICARELLO, Hilda Aparecida Linhares da Silva; BALISCEI, João Paulo Maria Eugênia, a “mãinha” de Chicão, fala aos Cadernos de Gênero e Tecnologia. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v.14, n. 44, p. 05-16, jul./dez. 2021.

Correspondência:

Luciene Celina Cristina Mochi

Rua Tietê, nº 674, apt. 401, Zona 07, Maringá, Paraná, Brasil.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

